

Mário de Sá-Carneiro

«O HOMEM SÃO LOUCO»

Ricardo Vasconcelos

Jerónimo Pizarro



Mário de Sá-Carneiro

«O HOMEM SÃO LOUCO»

Ricardo Vasconcelos

Jerónimo Pizarro

Biblioteca Nacional de Portugal

Lisboa 2016

Mário de Sá-Carneiro,
«o homem são louco»

COMISSÁRIOS E COORDENAÇÃO CIENTÍFICA

Ricardo Vasconcelos
Jerónimo Pizarro

CATALOGAÇÃO

Gina Rafael
Júlia Ordorica

CAPA

Júlio Pomar – *Retrato de Mário de Sá-Carneiro*.
2014-2015. Acrílico, pastel e carvão sobre tela.
81 × 65 cm (Coleção particular)

DESIGN

TVM Designers

DIGITALIZAÇÃO

Serviço de Gestão de Conteúdos Digitais

PRÉ-IMPRESSÃO

Área de Gestão Editorial BNP

EXPOSIÇÃO

Serviço de Atividades Culturais

© Biblioteca Nacional de Portugal, 2016

**BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL – CATALOGAÇÃO NA
PUBLICAÇÃO**

Mário de Sá-Carneiro : «o homem são louco» / comis.,
coord. cient. Ricardo Vasconcelos, Jerónimo Pizarro. –
Lisboa : Biblioteca Nacional de Portugal, 2016. –
88 p. : il. – (Catálogos)

ISBN 978-972-565-579-5 (ed. impressa)

ISBN 978-972-565-580-1 (ed. eletrónica)

CDU 012Carneiro, Mário de Sá

AGRADECIMENTOS

A Biblioteca Nacional de Portugal agradece a colaboração de Ana Rita Palmeirim, família de José Coelho Pacheco, Jerónimo Pizarro, Júlio Pomar, Leonor Sá e Ricardo Vasconcelos; e editora Tinta-da-china, Fundação Júlio Pomar e Museu da Polícia Judiciária.

NOTA DO EDITOR Cumprindo a vontade dos comissários o Editor manteve a grafia adotada pelo escritor quando, aparentemente a partir de 1911, uniu os seus dois apelidos com o hífen de «Sá-Carneiro», seguindo uma opção partilhada por outros autores da sua geração. Adota-se ainda a acentuação moderna de «Mário», nos textos da responsabilidade dos mesmos comissários, bem como no título da exposição e do catálogo. Neste, no que é da responsabilidade da BNP, a grafia utilizada é «Sá Carneiro» respeitando as normas bibliográficas e biblioteconómicas.

Apresentação	11
RICARDO VASCONCELOS	
JERÓNIMO PIZARRO	
Catálogo	17
1. Publicações em vida	19
2. Publicações na primeira metade do centenário da morte	20
3. Publicações na segunda metade do centenário da morte	22
4. Correspondência	24
5. Prosa	30
6. Poesia	34
7. <i>Orpheu</i>	37
8. Miscelânea	40
Antologia	49
1. Correspondência	51
2. Poesia	71

Apresentação

RICARDO VASCONCELOS

Universidade Estadual de San Diego (Califórnia, EUA)

JERÓNIMO PIZARRO

Universidade dos Andes (Colômbia)

Porém, na verdade, depois de se ver em tal situação encruzilhada, este homem era ou não era um doido? Misterio. Pois éle chegara a essa situação tão coerentemente louca, por um raciocinio bem seguido, bem voluntario e bem certo.

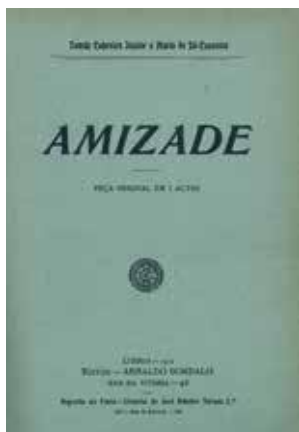
... E de todo este estranho devaneio, é claro, só restou ao artista o assunto para uma das suas complicadas novelas. Aliás sucedia-lhe sempre o mesmo – com as suas divagações, e as suas tristezas, as suas dôres. Por isso nunca se tomara a serio.

MÁRIO DE SÁ CARNEIRO – «Misterio». In *Céu em fogo: oito novelas*. Lisboa: Livr. Brasileira Monteiro & C.^{ia}, 1915, p. 113-114.

«Perdi a morte e a vida, | E, louco, não enlouqueço... | A hora foge vivida, | Eu sigo-a, mas permaneço!», escreveu Mário Sá-Carneiro no poema «Dispersão», em carta de 3 de maio de 1913, datada de Paris (CARNEIRO 2015: 149). Foi na mesma cidade, dois dias depois, que rematou «Estátua falsa» com estes versos: «Sou estrela ebria que perdeu os ceus, | Sereia louca que deixou o mar; | Sou templo prestes a ruir sem deus, | Estátua falsa ainda erguida ao ar... » (CARNEIRO 2015: 154-155). E ainda de Paris, dia 10, deu esta explicação de «Rodopio»: «o que eu quis dar foi a loucura, a incoerencia, das coisas que volteiam – daí a junção bizarra de coisas que aparentemente não têm relação alguma» (CARNEIRO 2015: 162).

Sá-Carneiro nunca esteve propriamente doido, mas em alguns momentos da sua vida ter-se-á sentido mais próximo da loucura, como nesse mês de maio de 1913, e ter-se-á julgado já louco, nomeadamente no último ano, 1916, quando termina uma carta de 18 de fevereiro com estas palavras: «Não lhe dizia q[ue] estava doido? Vivo ha semanas num inferno sem nome» (CARNEIRO 2015: 473); e repete, uma semana antes de morrer: «Doido! Doido! Doido! Tenha muita pena de mim» (CARNEIRO 2015: 493). Pessoa, que recebeu estas linhas, viveu com angústia todas as crises de Sá-Carneiro, que foram reais, mas também troçou da loucura de ambos.

1. Publicações em vida



[1]

1
CABREIRA JUNIOR, Tomás, 1892-1911; CARNEIRO, Mário de Sá, 1890-1916
Amizade: peça original em 3 actos. Lisboa: Ed. Arnaldo Bordalo, 1912.

BNP L. 7345² V.

BNP L. 21682⁹ P.

2
CARNEIRO, Mário de Sá, 1890-1916
Princípio: novelas originais. Lisboa: Livraria Ferreira-Ferreira, 1912.

BNP F.R. 250

BNP L. 128084 V.

BNP RES. 3714 V.

3
CARNEIRO, Mário de Sá, 1890-1916
A confissão de Lúcio: narrativa. Lisboa: M. S. Carneiro, 1914.

BNP F.R. 252

BNP L. 107961 P.

BNP RES. 5782 P.

Ex. com dedicatória autografa: «À Ex.^a Redacção da Águia of[erece] em 20 nov 1913 Mário de Sá-Carneiro».

Col. particular



[2]



[3]



[3]

4. Correspondência

20*

CARNEIRO, Mário de Sá, 1890-1916

Carte postale [a] *Fernando Pessoa*. Paris, 16 out. 1912. 1 p.: il. (color.).

Autógrafo assinado. Ilustração: «L' Arc de Triomphe et les Champs-Élysées».

BNP ESP. E3/1154-8

21*

CARNEIRO, Mário de Sá, 1890-1916

Carte postale [a] *Fernando Pessoa*. Toulouse, 26 ago. 1914. 1 p.: il. (p&b).

Autógrafo assinado. Ilustração: «Le Canal du Midi».

BNP ESP. E3/1155-68



[20]



[21]

* Para as entradas marcadas com * ver «Antologia».

6. Poesia



[37]

37*

CARNEIRO, Mário de Sá, 1890-1916
 Quasi. Paris, 13 maio 1913. [2] p. em 1 f.

Autógrafo assinado.

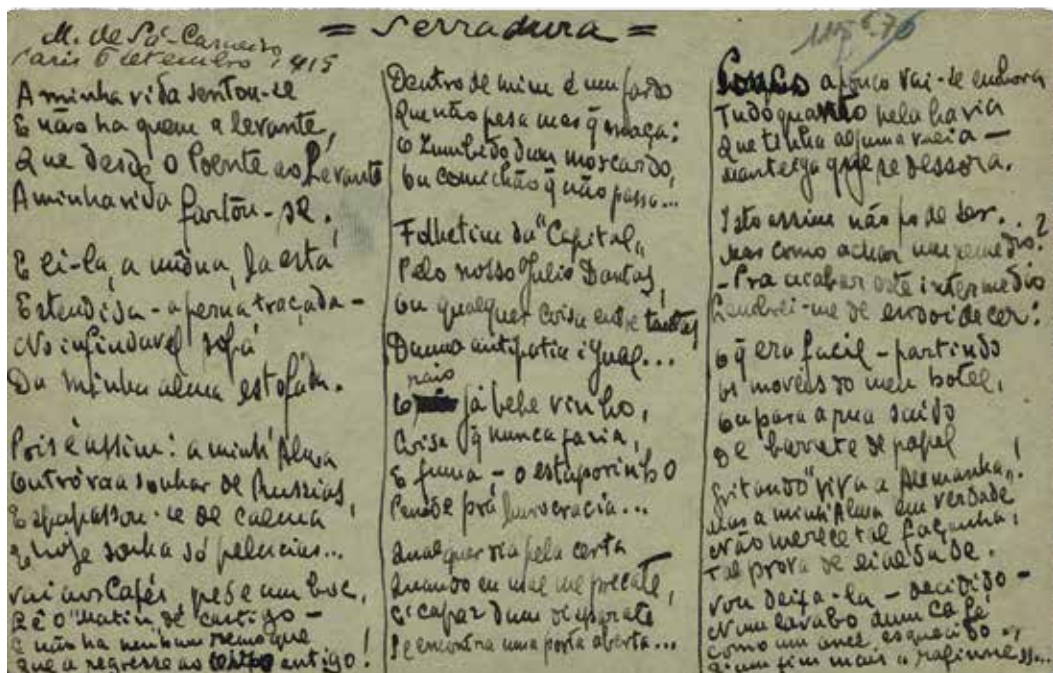
BNP ESP. E3/1154-123

38*

CARNEIRO, Mário de Sá, 1890-1916
 Serradura. Paris, 6 set. 1915. [1] p.

Autógrafo assinado. Suporte: bilhete-postal enviado a Fernando Pessoa com carimbo de correio da mesma data.

BNP ESP. E3/1156-70



[38]



[59]

58

José Paulino de Sá Carneiro, bisavô de Mário de Sá-Carneiro.

Extraído de Dias, Marina Tavares – *Mário de Sá-Carneiro: fotobiografia*. Lisboa: Quimera, 1988, p. 32.

BNP H.G. 10217 A.

59

CARNEIRO, Mário de Sá, 1890-1916

[*Bilhete-postal ilustrado a*] José Paulino de Sá-Carneiro. Paris, 28 dez. 1912. 1 p.

Autógrafo assinado.

BNP ESP. N25/15

60

CARNEIRO, Mário de Sá, 1890-1916

[*Carta a José Paulino de Sá-Carneiro*]. Roma, 24 ago. 1904. [2] p. em 1 f.

Autógrafo assinado. Papel timbrado de «Grand Hotel Continental».

BNP ESP. N25/19

61

[Mário de Sá-Carneiro]. [Original de 1914 jun. 4]. 1 imagem

Reprodução de original com 89mm × 129mm. Este duplo retrato de modelo judiciário (frente/perfil) de Mário de Sá Carneiro deve-se não a uma detenção do poeta, mas ao facto de ter visitado um 'Posto Antropométrico' (tudo indica que o do Governo Civil de Lisboa), a 4 de junho de 1914. Com efeito, o seu nome figura na lista manuscrita dos 'Registos dos visitantes dos Postos Antropométricos' do Arquivo Histórico Fotográfico do Museu de Polícia Judiciária.

NOTA DOS COMISSÁRIOS É provável que esta foto, datada de 4 jun. 1915, esteja relacionada com trâmites relativos ao regresso de Sá-Carneiro para Paris, de onde escreve a Pessoa quatro dias depois, a indicar que se hospedou no mesmo hotel onde já estivera.

Arquivo Histórico Fotográfico do Museu de Polícia Judiciária, IF-13-20801AB-RF

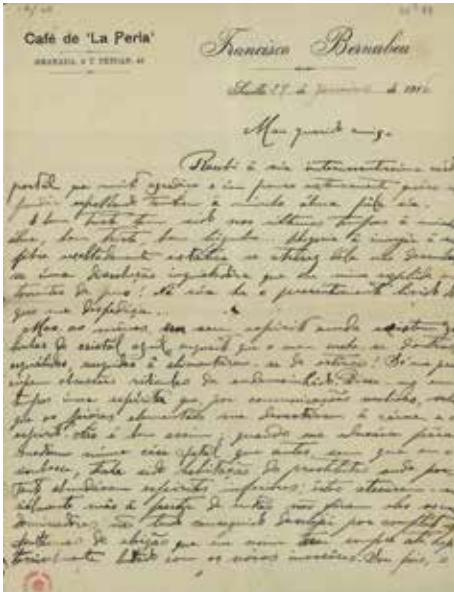


4.6.914

Sr. Sa Carneiro



[61]



63

LEAL, Raul, 1886-1964

Carta a Mário de Sá-Carneiro. Sevilla, 27-30 jan. 1916. [12] p. em 6 f.

Autógrafo assinado. Em papel timbrado de «Café de 'la Perla' Granada...» e de «Francisco Bernabeu Sevilla...». Publicada, como endereçada a Álvaro de Campos, em Mário Cesariny de Vasconcelos – *O virgem negra: Fernando Pessoa explicado às criancinhas naturais & estrangeiras...* Lisboa: Assírio & Alvim, 1989, p. 93-104.

BNP ESP E3-115²-81-86

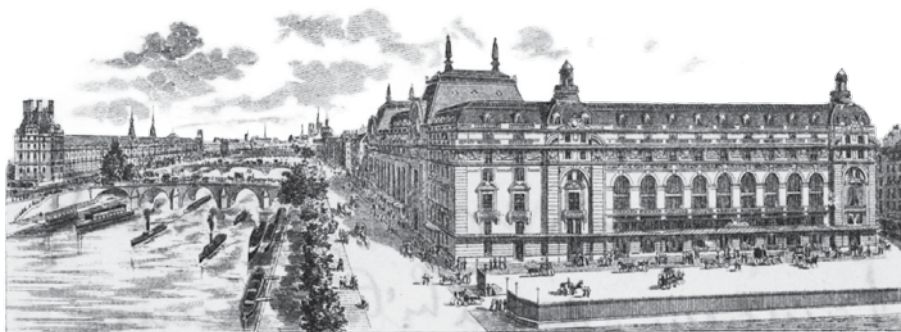
[63]

Meu querido amigo

Recebi a sua interessantíssima carta postal que muito agradeço e um pouco extensamente quero responder espalhando também a minha alma pela sua.

E bem triste tem sido nos últimos tempos a minha alma, bem triste, bem lúgubre... Chegaria a invejar a sua febre exaltadamente extática se através dela não descobrisse uma dissolução inquietadora que em mim explúde em torrentes de pus! Na sua ha o presentimento livido do que me despedaça...

Mas, ao menos, em seu espirito ainda existem «galinhas de cristal azul» enquanto que o meu enche-se d'outras, esquálidas, resequidas a alimentárem-se de estêrco! Só me preocupam obsessões ridículas de endemoinhado. Disse-me em tempos uma espírita que, por comunicações recebidas, sabia que os pióres elementaes me devastavam a carne e o espirito. Não é bem assim; quando me educava para medium numa casa fatal que antes, sem que eu o soubesse, tinha sido habitação de prostitutas onde portanto abundavam espiritos inferiores, estes atacaram-me riálmente mas a partir de então não foram eles os unicos dominadores não tendo conseguido desalojar por completo os fantasmas de eleição que em mim teem sempre até hoje terrivelmente lutado com os novos invasores. [...]



Café Restaurant d'Orsay

BUFFET
DE LA GARE DU QUAI D'ORSAY

10 *Paris le* Novembro 1915

Téléphone Saxe 29-13

Meu Querido Amigo,

Afinal você prometeu-me uma carta para ontem – e nem ontem, nem hoje... Até agora o artigo da *Ilustração* não apareceu. Tanto melhor – apesar de ter piada. Outra coisa que tem piada: jantei e almocei hoje com o Hermano Neves¹ – que me convidou p[ar]a colaborador dum jornal *A Tribuna* – que vai fazer sair no 1.º de janeiro próximo!!... Tem graça ha de concordar... Outro dia também de subito, num *music-hall*, o Scala, ouvi perto de mim: «olha, aquele é o gajo do *Orfeu*»... Três portugueses democráticos que nem de vista daí conheço... É curioso também, pois não é? Mesmo em Paris – tantos meses passados. Uma força, Ah! sem duvida, o nosso *Orfeu*.

¹ Hermano Neves (1884-1929), respeitado jornalista e repórter desta época. Estudou medicina na Alemanha mas enveredou pela carreira jornalística, trabalhando em jornais como *O Século*, *Mundo*, e *A Capital*. Foi um republicano convicto e, em 1915, um opositor de Pimenta de Castro. Com o início da Primeira Guerra Mundial, partiu para França como correspondente. Neves atacou Álvaro de Campos, no jornal *A Capital*, em resposta à carta por este enviada ao director, na qual satirizava o acidente de Afonso Costa. No dia 7 de julho de 1915, o redactor acrescenta a seguir à carta em que Sá-Carneiro se demarcava das palavras e Campos: «Também o sr. Almada Negreiros, colaborador da revista, nos procurou hontem mesmo para verbalmente nos exprimir a sua absoluta discordancia com o sr. Alvaro de Campos, pseudonymo literário do sr. Fernando Pessoa, o qual aos seus amigos, segundo nos referem, confessou que, no momento em que se escreveu a referida carta, se encontrava em manifesto estado de embriaguez» (p. 2).